

Artigo

Método corporativo-estatal no setor mineral: Discursos e práticas no contexto da transição energética

Lucas Zenha Antonino

Valdirene Santos Rocha Sousa

207

Resumo

O contexto socioecológico global contemporâneo é marcado por eventos catastróficos associados às mudanças climáticas. Nesse cenário, a corrida por minerais considerados essenciais para a transição energética, intensifica processos de rupturas sociometabólicas em escala ampliada no espaço-tempo. No Brasil, o setor corporativo encontra um ambiente propício para expandir suas atividades minerárias, contando com o apoio substancial do Estado que endossa e viabiliza projetos desenvolvimentistas. Na Bahia, esse processo gera inúmeros conflitos socioambientais e aprofunda a invisibilização histórica dos povos do campo e das comunidades tradicionais. Este artigo analisa o método do setor corporativo e do Estado, especialmente na Bahia, considerando seus discursos e práticas no contexto da transição energética e da demanda global por minerais estratégicos. Especificamente, reflete sobre a expansão, sem precedentes, das pesquisas e prospecções minerais e dos conflitos territoriais decorrentes. Aborda as narrativas do Estado na audiência pública realizada na Assembleia Legislativa da Bahia, com a participação central do Movimento pela Soberania Popular na Mineração, evidenciando contradições a partir das diferentes perspectivas em disputa. Além disso, discute a atuação da empresa estatal de pesquisa mineral, que presta consultoria a mineradoras e reproduz discursos propagados estrategicamente pelo setor midiático-corporativo. A pesquisa adota uma abordagem dialética, sustentada na análise da realidade concreta, seu movimento histórico e suas contradições, utilizando técnicas qualitativas como observação participante em reuniões e espaços de formação dos movimentos sociais, bem como durante a referida audiência pública, e análise documental de matérias jornalísticas e publicações em redes sociais oficiais de mineradoras e governos municipais e estadual. Em linhas gerais, evidencia-se uma arquitetura que envolve mecanismos de controle de poder e instrumentos de dominação: pragmatismo estratégico e hegemonia setorial; desrespeito normativo e captura institucional; estratégias de consenso e controle social; avanço tecnológico e controle da informação; investigação territorial e aparato coercitivo; capital hegemônico e

impactos socioambientais. Por meio dessa estrutura, as táticas corporativas encontram respaldo na máquina pública que atua para neutralizar os entraves políticos e sociais, além de se beneficiarem de um ambiente político favorável à mineração sob o pretexto da descarbonização. Está em curso uma ofensiva incontrolada do capital, compactuada pelo Estado, que afiança a expansão mineral sob o discurso da sustentabilidade e da transição energética, ignorando os impactos socioecológicos sobre os povos do campo, seus territórios e modos de vida.

Palavras-chave: Discursos; Setor Corporativo Mineral; Estado; Mineração; Transição Energética.

Corporate-state method in the mineral sector: Discourses and practices in the context of energy transition

Abstract

The contemporary global socio-ecological context is marked by catastrophic events associated with climate change. In this scenario, the race for minerals considered essential for the energy transition intensifies processes of socio-metabolic disruptions on an expanded scale, in space and time. In Brazil, the corporate sector finds a favorable environment to expand its mining activities, counting on the substantial support of the State, which endorses and facilitates development projects. In Bahia, this process generates numerous socio-environmental conflicts and deepens the historical invisibility of rural peoples and traditional communities. This article analyzes the method of the corporate sector and the State, especially in Bahia, considering their discourses and practices in the context of the energy transition and the global demand for strategic minerals. Specifically, it reflects on the unprecedented expansion of mineral research and prospecting and the resulting territorial conflicts. It addresses the State's narratives in the public hearing held in the Legislative Assembly of Bahia, with the central participation of the Movement for Popular Sovereignty in Mining, highlighting contradictions based on the different perspectives in dispute. Furthermore, it discusses the actions of the state-owned mineral research company, which provides consultancy to mining companies and reproduces discourses strategically propagated by the corporate media sector. The research adopts a dialectical approach, based on the analysis of concrete reality, its historical movement and its contradictions, using qualitative techniques such as participant observation in meetings and training spaces of social movements, as well as during the aforementioned public hearing, and documentary analysis of journalistic articles and publications on official social networks of mining companies and municipal and state governments. In general terms, it highlights an architecture that involves mechanisms of power control and instruments of domination: strategic pragmatism and sectoral hegemony; regulatory disregard and institutional capture; strategies of consensus and social control; technological advancement and information control; territorial investigation and coercive apparatus; hegemonic capital and socio-environmental impacts. Through this structure, corporate tactics find support in the public sector, which works to neutralize political and social obstacles, in addition to benefiting from a political environment favorable to mining under the pretext of decarbonization. An uncontrolled offensive by capital is underway, supported by the State, which guarantees mineral expansion under the guise of sustainability and energy transition, ignoring the socio-ecological impacts on rural people, their territories and ways of life.

Keywords: Discourses; Corporate Mineral Sector; State; Mining; Energy Transition.

El método corporativo-estatal en el sector minero: Discursos y prácticas en el contexto de la transición energética

Resumen

El contexto socioecológico global contemporáneo está marcado por eventos catastróficos asociados al cambio climático. En este escenario, la carrera por los minerales considerados esenciales para la transición energética intensifica procesos de rupturas sociometabólicas a escala expandida en el espacio-tiempo. En Brasil, el sector empresarial encuentra un ambiente favorable para expandir sus actividades mineras, contando con un importante apoyo del Estado, que avala y viabiliza proyectos de desarrollo. En Bahía, este proceso genera innumerables conflictos socioambientales y profundiza la invisibilidad histórica de los pueblos rurales y las comunidades tradicionales. Este artículo analiza el método del sector empresarial y del Estado, especialmente en Bahía, considerando sus discursos y prácticas en el contexto de la transición energética y de la demanda global de minerales estratégicos. En concreto, reflexiona sobre la expansión sin precedentes de la investigación y prospección minera y los conflictos territoriales resultantes. Aborda las narrativas del Estado en la audiencia pública realizada en la Asamblea Legislativa de Bahía, con la participación central del Movimiento por la Soberanía Popular en la Minería, destacando contradicciones a partir de las diferentes perspectivas en disputa. Además, analiza las acciones de la empresa estatal de investigación minera, que brinda consultoría a empresas mineras y reproduce discursos propagados estratégicamente por el sector mediático corporativo. La investigación adopta un enfoque dialéctico, apoyado en el análisis de la realidad concreta, su movimiento histórico y sus contradicciones, utilizando técnicas cualitativas como la observación participante en reuniones y espacios de formación de movimientos sociales, así como durante la citada audiencia pública, y el análisis documental de artículos periodísticos y publicaciones en redes sociales oficiales de empresas mineras y gobiernos municipales y estatales. En términos generales, se evidencia una arquitectura que involucra mecanismos de control del poder e instrumentos de dominación: pragmatismo estratégico y hegemonía sectorial; falta de respeto regulatorio y captura institucional; estrategias de consenso y control social; avance tecnológico y control de la información; investigación territorial y aparato coercitivo; capital hegemónico e impactos socioambientales. A través de esta estructura, las tácticas corporativas encuentran apoyo en el sector público que trabaja para neutralizar los obstáculos políticos y sociales, además de beneficiarse de un entorno político favorable a la minería bajo el pretexto de la descarbonización. Está en marcha una ofensiva descontrolada del capital, apoyado por el Estado, que apoya la expansión minera bajo el disfraz de la sostenibilidad y la transición energética, ignorando los impactos socioecológicos sobre las personas rurales, sus territorios y formas de vida.

Palabras clave: Discursos; Sector Corporativo Mineral; Estado; Minería; Transición energética.

Introdução

O cenário socioecológico contemporâneo é marcado por eventos catastróficos relacionados às mudanças climáticas globais. Nesse contexto, as rupturas sociometabólicas

produziram “falhas irreparáveis” no metabolismo natural, produzindo desequilíbrios nos ecossistemas naturais e na relação sociedade e natureza, bem como entre a cidade e o campo (Foster, 2005; Leff, 2006). A fratura metabólica, revelada na ruptura entre os ciclos naturais e os processos produtivos capitalistas, se intensificou em escala ampliada no espaço-tempo impulsionando a corrida por substâncias minerais essenciais para a perpetuação do capital, numa rolagem perpétua e dialética que envolve natureza–objeto industrial–consumo–descarte (Marx, 2013).

No Brasil, o setor corporativo encontra um ambiente favorável à expansão de suas atividades, com o apoio significativo do Estado na viabilização de projetos desenvolvimentistas. Essa lógica está inserida em um processo histórico de longa duração, que remonta ao período colonial, quando práticas como a extração intensiva de pau-brasil, a monocultura da cana-de-açúcar e a mineração de ouro e diamantes expressavam uma visão utilitarista e predatória da natureza (Porto-Gonçalves, 2012). Essa mesma racionalidade continua a orientar as atuais políticas reprimarizadoras da economia, aprofundando a dependência de *commodities* minerais e agrícolas, além de contribuir para a intensificação dos conflitos socioambientais.

A continuidade histórica desse processo se reflete, também, nas ambições e nos investimentos do capital voltados às pesquisas e extrações minerais, essenciais na corrida do meio técnico-científico-informacional (Santos, 2004), que vêm se intensificando no Brasil e na América Latina, especialmente em torno dos minérios “críticos” associados à chamada transição energética listados na Resolução SGM/MME nº 2/2021 (Milanez, 2021). A legislação brasileira adota o termo “mineral estratégico”, como na Política Pró-Minerais Estratégicos (Decreto nº 10.657/2021), baseada no Programa de Parcerias de Investimentos – PPI (Lei nº 13.334/2016).

A classificação de determinados minerais como “críticos” ou “estratégicos”, reflete interesses econômicos e geopolíticos. De acordo com Milanez (2024), o termo “mineral crítico”, embora não seja novo, esteve presente em contextos bélicos e desenvolvimentistas, associado a riscos e padrões de consumo que variam ao longo do tempo.

Tais classificações priorizam a exploração de certos minérios em detrimento de outras formas de uso da terra, impactando diretamente povos do campo e comunidades tradicionais (Milanez, 2024).

No Brasil, políticas recentes têm flexibilizado o licenciamento ambiental para esses projetos, sem garantir a participação das comunidades afetadas, criando situações de exceção e aprovando concessões de maneira intempestiva e sem o devido debate público. Mansur, Wanderley e Fraga (2024) destacam que ambos os termos, críticos e/ou estratégicos, possuem variações de uso acadêmico e político e que no Brasil não se observa grandes diferenciações. Assim, metodologicamente, emprega os vocábulos como sinônimos, mesmo existindo variações conceituais. Neste trabalho, segue-se essa lógica e opta-se por tratá-los de forma equivalente, referindo-se a minerais fundamentais à produção de mercadorias ligadas à transição energética e as reservas minerais estratégicas, diante da subordinação do Brasil na divisão internacional do trabalho.

No discurso global sobre sustentabilidade e mudanças climáticas, governos e corporações adotam estratégias e narrativas que mascaram as contradições do modelo de desenvolvimento, combinado e desigual (Smith, 1998). O tema dos minerais críticos se consolidou como uma “pauta quente” nas cadeias produtivas globais, especialmente nos setores minero-energético e tecnológico envolvendo diversas áreas do conhecimento e apresentando desafios complexos, incluindo impactos jurídicos internacionais, questões de soberania nacional e a influência de interesses corporativos na diplomacia brasileira.

Esses debates ganham força diante da crise ambiental e dos efeitos cada vez mais evidentes das mudanças climáticas, amplamente reconhecidas como resultado da interferência humana nas dinâmicas naturais do planeta (IPCC, 2021; 2023). Longe de serem explicadas apenas por fatores demográficos, as causas estruturantes da crise climática estão relacionadas à intensificação da exploração dos bens naturais pelo capital, impulsionada por processos de governança seletiva, intencionalidades políticas e pela concentração da produtividade primária. A reprimarização das economias periféricas nas últimas décadas, aliada ao uso excessivo de materiais como concreto, alumínio, ferro e plásticos,

tem aprofundado os impactos socioambientais. As dinâmicas do capital têm contribuído para o aquecimento do planeta a uma taxa sem precedentes na história recente, concorrendo para a emergência climática (IPCC, 2021).

A crise ambiental pode ser compreendida, ainda, como resultado da ruptura ontológica e epistemológica entre ser humano e natureza, instaurada pela racionalidade moderna ocidental, que com seu projeto civilizatório capitalista promoveu a mercantilização da vida, a dominação da natureza e subordinou os ecossistemas à lógica da rentabilidade. E, a partir de uma visão instrumental e utilitarista, marginalizou saberes tradicionais e modos de vida sustentáveis, tratando-os como obstáculos ao progresso (Leff, 2006). Nesse contexto, a natureza passa a ser tratada como inorgânica e separada da sociedade, instaurando uma visão dicotômica entre sociedade e natureza (Escobar, 2011).

Assim, as concepções de natureza foram reconfiguradas e, hegemonicamente, se estabeleceram os “territórios recursos” a partir de fronteiras utilitaristas e da conformação dos territórios extrativo-mineral submetidos à lógica de apropriação e exploração intensiva dos bens naturais, orientada pelos interesses do capital mineral (Antonino, 2019). Dessa forma, o distanciamento entre ser humano e natureza, resulta de um processo histórico de dominação colonial e eurocêntrica, que dissocia cultura e natureza, sujeito e objeto. Essa cisão fundamenta o paradigma moderno de desenvolvimento, estruturado sobre a lógica da exploração, da apropriação e da objetificação da natureza como mera fonte de recursos impondo uma racionalidade excludente que nega a coevolução e marginaliza as territorialidades de povos indígenas, quilombolas, camponeses e outras populações tradicionais, cujos modos de vida desafiam a lógica dominante (Porto-Gonçalves, 2010).

A solução apresentada pelo capital internacional para controlar a emergência climática é a transição energética “sustentável”. Essa proposição, *a priori*, revela um paradoxo: enquanto fontes de energias “renováveis” são promovidas como solução para salvar o planeta e a humanidade, territórios de comunidades tradicionais são devastados.

Povos indígenas, assentamentos da reforma agrária e comunidades tradicionais, historicamente guardiões da biodiversidade, são os principais afetados por essa transição que tem como base a expansão minerária. Os estímulos às energias ditas renováveis ocorrem por meio de instrumentos financeiros, modelos econômicos lucrativos, e lógicas de compensação com novos processos sociotécnicos e sociopolíticos (Furtado; Paim, 2024). Porto-Gonçalves (2005) já havia alertado sobre a crença acrítica na proposição de saídas meramente técnicas como única via para enfrentar situações de crise.

Nesse contexto, o crescimento do setor mineral suscita críticas ao papel do Estado na territorialização do capital, especialmente pelos impactos sobre povos do campo e comunidades tradicionais. A chamada transição energética, formulada sob a lógica do capital, tem reduzido a mitigação da crise climática à descarbonização da matriz produtiva (Brito Filho *et al.*, 2023), ocultando os conflitos socioambientais e impulsionando uma nova corrida por terras e territórios. Esse processo aprofunda desigualdades, compromete a biodiversidade e intensifica crises como migrações climáticas e insegurança alimentar, particularmente em regiões rurais.

Os principais problemas envolvendo a atual questão climática e os gases do efeito estufa, no Brasil, não estão correlacionados diretamente a questões energéticas, mas a discursos e práticas provenientes da lógica e das demandas eletrointensivas do norte global na manutenção do padrão de consumo de países desenvolvidos, além da reprodução do paradigma de desenvolvimento econômico e do regime de acumulação neoextrativista (Milanez, 2024). Do ponto de vista da descarbonização, estão relacionados à derrubada e supressão de vegetação nativa e às queimadas, somado ao enorme rebanho bovino que, posterior aos desmatamentos, vêm consorciados à expansão das pastagens e outras atividades do agronegócio, conforme as determinações na divisão internacional do trabalho.

Nesse contexto, a exploração de minerais ditos “essenciais” no processo de substituição da energia proveniente dos combustíveis fósseis, tem gerado crescentes conflitos socioambientais. Estes, na concepção de Lopes de Souza (2020), são manifestações

de lutas por justiça ambiental, envolvendo comunidades que buscam defender seus territórios e modos de vida frente a projetos que ameaçam seus direitos e o equilíbrio ecológico. Assim, revelam as tensões entre diferentes concepções de desenvolvimento e evidenciam a necessidade de integrar saberes locais e científicos na construção de soluções mais justas e sustentáveis.

Diante desse cenário, esta pesquisa apresenta reflexões que buscam responder à seguinte inquietação: quais são as estratégias utilizadas pelo capital mineral e pelo Estado, diante da transição energética, na corrida global por minerais estratégicos, e quais os efeitos para os povos do campo, as comunidades tradicionais, os indígenas, os quilombolas, as populações de fundo e fecho de pasto e os assentados da reforma agrária, e como os movimentos sociais enfrentam essa conjuntura?

Este artigo tem como objetivo analisar o método adotado pelo setor corporativo e pelo Estado, na Bahia, no contexto da transição energética e da corrida global por minerais estratégicos. Especificamente, discute a expansão das pesquisas minerais na Bahia, os conflitos territoriais resultantes e as narrativas do Estado durante a audiência pública realizada na Assembleia Legislativa, com a participação do Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), no sentido de analisar as contradições reveladas por meio das perspectivas dos diferentes agentes sociais da arena política. Também examina a atuação da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM), a principal detentora de títulos minerários no estado, que presta consultoria para mineradoras, e o uso do *marketing* verde, que reforça vocábulos como estratégias discursivas também propagadas pelos setor midiático-corporativo.

Diante dessa conjuntura, os movimentos sociais desempenham um papel fundamental ao desafiar as desigualdades estruturais da sociedade (Porto-Gonçalves, 2000; Germani, 2010). O MAM tem sua origem na região Norte do país, mais especificamente no estado do Pará, inspirado na luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) na Amazônia brasileira. Inicialmente, o movimento se construía sob a denominação de “Movimento de Atingidos pela Mineração”, em 2012, no sul do Pará. A partir dos

debates e aprofundamento das reflexões se reconfigura, e se consolida, como Movimento pela Soberania Popular na Mineração. Assim, defende a perspectiva dos “afetados”, considerado mais abrangente diante da complexidade do problema mineral. O movimento se expandiu nacionalmente, alcançando também a Bahia.

Metodologicamente, o estudo se fundamenta na dialética como caminho para uma análise crítica da realidade. Parte-se, portanto, da realidade concreta em seu movimento histórico e nas suas contradições, utilizando-se de ferramentas e técnicas da pesquisa qualitativa como a observação participante, em reuniões e espaços de formação dos movimentos sociais – bem como durante a audiência pública realizada na ALBA, e a análise documental. Foram analisadas experiências em eventos organizados pela mídia corporativa, como o Band Sustenta Bahia, voltado para práticas de “*Environmental, Social and Governance*” (ESG); publicações em redes sociais e sítios institucionais governamentais e corporativos; discursos empresariais e estatais que propagam conceitos como “ferro verde”, “indústrias inovadoras” e “desconcentração de renda”; além da transcrição da audiência pública e de publicações institucionais que evidenciam os interesses privados privilegiados pelo Estado e o modelo mineral adotado.

Analicamente, recorre-se à análise do discurso foucaultiana, considerando o discurso como uma tecnologia de poder que define “verdades”, normaliza práticas e comportamentos, excluindo determinadas perspectivas e privilegiando outras (Foucault, 2009; 2012). A pesquisa mobiliza categorias analíticas que orientam a interpretação dos dados, com centralidade para as concepções de território-recurso (Santos, 2004), território extrativo-mineral (Antonino, 2019), minerais estratégicos e, transição energética (Milanez, 2024; Wanderley, 2024) e discurso (Foucault, 2009; 2012), como elementos que revelam as dinâmicas de apropriação, exclusão e disputa que marcam a expansão do capital mineral na Bahia.

A estrutura do texto compreende três seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção analisa como o discurso da transição energética tem sido mobilizado pelo Estado e por empresas mineradoras para justificar a intensificação

da atividade mineral, refletindo sobre as contradições entre a retórica ambiental e os impactos territoriais concretos. A segunda examina as diferentes perspectivas em disputa a partir de uma audiência pública popular, ressaltando a atuação do Estado e os enfrentamentos promovidos por movimentos sociais e comunidades atingidas. A terceira, por sua vez, aborda as articulações entre Estado e setor corporativo mineral apontando as características, estratégias e contradições que estruturam o Método corporativo-estatal no setor mineral baiano.

1. A transição energética como narrativa hegemônica: discursos e contradições

O volume de novos processos minerários apresenta indicadores em crescimento no Brasil, na região Nordeste e na Bahia (Antonino, Sousa e Germani, 2022). O movimento do capital internacional, em busca das “riquezas” do subsolo brasileiro, é intenso na região Sudeste com diversos conflitos (Alves *et al.*, 2020). Nas últimas quatro décadas, um cenário avassalador tem se sobressaído na Amazônia, com uma intensa exploração de substâncias minerais e ampliação dos conflitos territoriais (Malheiro, 2022). A expansão da mineração na Bahia figura há pelo menos duas décadas no cenário nacional. Em 2021, o estado alcançou a terceira posição entre os líderes nacionais, com diversos projetos e pesquisas em andamento, segundo dados da Agência Nacional de Mineração (ANM) e da CBPM.

Entre 2021 e 2024, houve aumento de 35,8% nas autorizações de pesquisa mineral na Bahia, conforme análise dos dados da Agência Nacional de Mineração (ANM), atingindo um total de 19.175 processos cadastrados (GeografAR, 2024). Atualizando para o primeiro bimestre do ano de 2025, são 19.737 processos. Portanto, o avanço das pesquisas, sobretudo dos minerais estratégicos da “transição energética”, segue em plena expansão em várias localidades onde se verificam prospecções. Paralelamente, os conflitos

se multiplicam, ocorrendo desde as fases iniciais de pesquisa (Antonino; Sousa; Germani, 2022).

Foram identificados 93 municípios na Bahia com registros de conflitos envolvendo o setor mineral (GeografAR, 2025). As situações ocorrem em todas as regiões do estado, e afetam os biomas mata atlântica, cerrado e, sobretudo a caatinga, com grande impacto no semiárido, em bacias hidrográficas importantes, além de territórios de povos do campo e de comunidades tradicionais, que são os principais afetados por conflitos provenientes do setor mineral brasileiro, conforme aponta o Observatório do Comitê em Defesa dos Territórios Frente à Mineração (Wanderley; Mansur; Valente, 2023).

De acordo com um levantamento dos dados no Sistema de Informação Geográfica da Mineração – SIGMINE (ANM, 2025), a região Nordeste destaca-se nesse contexto de processos minerários associados à transição energética, com um total de 11.355 requerimentos, correspondendo a 47,13% do total nacional. A Bahia é um dos líderes no *ranking* nacional com maior número de pesquisas correlacionadas aos minerais estratégicos, somando 5.921 processos, considerando as 10 substâncias mais pesquisadas, a citar: Alumínio, Cobalto, Cobre, Grafita, Lítio, Manganês, Nióbio, Níquel, Vanádio, Terras Raras e Urânio.

Minas Gerais, Pará e a Bahia figuram entre os três estados com maior número de concessões de lavras ativas, respectivamente. Além disso, lideram as estimativas de investimentos no ramo mineral. Somente na Bahia, os aportes previstos somam quase nove bilhões de dólares até 2030, representando cerca de 13% de todos os projetos nacionais (IBRAM, 2025). Esse dinamismo e previsão de futuras instalações ligadas ao setor mineral na Bahia é acompanhado de inúmeros conflitos socioambientais e afetações relevantes que se aprofundam e reforçam a invisibilização histórica de populações do campo e de comunidades tradicionais.

Assim, a chamada transição energética, apresentada como “solução” para a crise climática global, revela disputas de projetos e interesses distintos, sobretudo com narrativas ligadas a ideia de sustentabilidade, como as noções de “energia limpa” e “fontes

renováveis”. Sob a racionalidade do capital, essa “transição” tem servido para manter padrões de consumo e formas de apropriação territorial que reiteram a exploração dos bens comuns e a violência contra comunidades tradicionais. Esses territórios, habitados por povos que mantêm práticas simbióticas com a natureza e formas próprias de governança democrática, tornam-se alvos da expansão minerária e de megaprojetos energéticos (Oliveira, 2024).

Trata-se de uma continuidade das dinâmicas de dominação, como aponta Antônio Bispo dos Santos (2023), ao denunciar a “guerra de denominações” que impõe visões hegemônicas sobre a terra e seus usos, ou, nas palavras do autor: “Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado, quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome (Santos, 2023, p. 12). A intensificação dos conflitos socioambientais reflete, assim, a contradição estrutural entre o modo de produção capitalista e as formas tradicionais de vida e cuidado com os territórios.

Nesse sentido, o debate climático não pode se restringir apenas às ações de descarbonização. A “modernização da matriz energética”, pautada na adoção das chamadas “fontes renováveis”, como energia solar, eólica, hidrogênio verde, e na produção de veículos elétricos, contraditoriamente, promete reduzir a dependência de combustíveis fósseis e mitigar os impactos das mudanças climáticas. No entanto, essa transição também tem gerado um aumento significativo na demanda por minerais estratégicos, fundamentais para a produção de baterias de veículos elétricos, turbinas eólicas, painéis solares e outras tecnologias associadas.

Ou seja, essa corrida por recursos minerais, embora associada discursivamente a uma agenda de sustentabilidade, muitas vezes resulta na intensificação de práticas extrativistas predatórias gerando novos conflitos socioambientais, especialmente em territórios indígenas e quilombolas condenados nas “zonas de sacrifício” (Acsehrad, 2004). Assim, a descarbonização da economia, sem mudanças estruturais no modo de exploração,

pode reforçar desigualdades, afetar ecossistemas vulneráveis e criar novas formas de dependência, atreladas ao modelo mineral. Este, é caracterizado por uma estrutura extrativista primária-exportadora e pela intensa exploração dos recursos naturais, sustentada por grandes corporações e políticas públicas que favorecem a atividade, mas negligenciam seus impactos sociais e ambientais (Milanez *et al.*, 2022).

Esse percurso, aliado a abordagens teóricas críticas, permite compreender as relações entre o que é anunciado, a respeito dessa conjuntura, e as reais práticas por parte das empresas, possibilitando leituras das estruturas que sustentam esse sistema, como enfatiza Moreira (2016), contrastando-as com as realidades territoriais e os conflitos socioambientais em curso. Isso implica considerar tanto as dinâmicas locais de resistência quanto as articulações globais do capital mineral, evidenciando as contradições entre o desenvolvimento propagado e os impactos vivenciados pelas populações afetadas.

Nesse sentido, a Hemeroteca do GeografAR, ao longo das últimas duas décadas, reuniu mais de 15 mil notícias de jornais impressos e digitais de circulação estadual e nacional sobre diversas dimensões da Questão Agrária na Bahia. Desse total, mais de 500 reportagens abordam o setor mineral, conforme analisado por Sousa, Germani e Antonino (2023). Para se estruturar e expandir, o setor corporativo mineral fundamenta-se no uso de aparatos midiáticos de amplo alcance e credibilidade. Realiza articulação com lideranças políticas de diferentes espectros, na adaptação de sua linguagem para maior popularização, na disseminação estratégica de conteúdos em redes sociais e na construção de uma imagem de responsabilidade social e ambiental. Também busca formas de aproximação com as comunidades afetadas e a sociedade em geral. Para isso, recorre à apropriação cultural, incorporando termos do vocabulário local em suas narrativas. Um exemplo disso é a escolha dos nomes das minas, frequentemente inspirados em referências simbólicas regionais, como elementos da religiosidade, da natureza (fauna e flora) e da cultura local em geral.

Esse processo de captura pode ser observado desde o Projeto Grande Carajás, no Pará, que faz uma apropriação étnica indígena, até a mina Braúna, localizada em Nordestina, na Bahia, nomeada a partir de uma árvore da caatinga que foi arrancada para dar lugar à cava e à extração mineral de diamantes (Antonino, 2019). Outro exemplo é a mina Mocó, em Piatã (BA), que recebe o nome de uma comunidade tradicional local chamada “Mocó”.

Parte do método das empresas mineradoras segue a lógica da campanha televisiva o “agro é pop”, adotando discursos mais palatáveis para convencer a sociedade de que a mineração pode ser “sustentável” e benéfica. Na Bahia, a CBPM começou a disseminar que a “mineração é rock” (Fornari, 2025). Quando se faz alguma crítica ao setor mineral, uma das respostas comumente utilizadas é que o setor do agro é mais devastador. \No entanto, é justamente no setor mineral que se observa a intensificação de estratégias discursivas voltadas à legitimação de práticas extrativas por meio da “ambientalização do capital”. Trata-se da incorporação de retóricas e justificativas ambientais – como “mineração sustentável” e “ferro verde” – que visam ampliar a aceitação social dos empreendimentos, mascarando seus impactos e reforçando a lógica de expropriação dos solos e do subsolo. Mais do que uma simples “lavagem verde”, essas estratégias integram uma racionalidade empresarial, associadas aos Riscos Sociais Corporativos, que busca gerir o risco e reposicionar as corporações frente às críticas sociais e ambientais (Juárez, 2016; Acselrad, 2016; Giffoni Pinto, 2019).

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Bahia (SDE), reforça esse modelo ao disseminar o discurso falacioso do “ferro verde”, associado à redução de emissões de carbono na siderurgia, como foi anunciado pela pasta após reunião com a empresa Santa Fé Mineração. Segundo a SDE, a companhia vai produzir *pellet feed*, ou minério de ferro verde como “alternativa mais ecológica” e alinhada às exigências globais de “sustentabilidade e eficiência energética”, nos municípios de Brumado e Livramento de Nossa Senhora, situados na região semiárida da Bahia (SDE, 2025).

No setor mineral brasileiro e baiano, multiplicam-se seminários e fóruns sobre sustentabilidade, associados à ideia de Responsabilidade Social Corporativa (RSC), sempre em parceria com o governo e grandes corporações, sob o pretexto de “alinhar o setor mineral à agenda ESG” (Acselrad, 2018). Essa narrativa ganha força justamente após os crimes socioambientais de Mariana (MG), em 2015, e Brumadinho (MG), em 2019, quando o modelo mineral revelou sua pior face. Assim, o discurso ESG serve para mascarar e perpetuar violações de direitos, especialmente em um setor que emprega, em sua maioria, trabalhadores terceirizados. Além disso, essa retórica oculta a destruição ambiental sem precedentes e a falta de industrialização, mantendo o Brasil em uma posição de dependência econômica baseada na exportação de *commodities*.

A conciliação entre pautas ambientais, sociais e de governança no interior de empresas guiadas pela lógica do lucro levanta questionamentos fundamentais. Como aliar pautas tão contraditórias dentro de empresas cuja visão é exclusivamente voltada à geração de lucros? Desde o ambiental (E), passando pelo social (S) e pela governança (G) corporativa, há contradições evidentes. A sigla ESG, amplamente utilizada no discurso corporativo contemporâneo, tem sido apropriada como ferramenta de legitimação de práticas empresariais, ainda que muitas vezes sem alterações estruturais nas formas de apropriação e exploração dos territórios. Conforme ressaltam Henig *et al.* (2025, p. 17) “a agenda ESG é uma roupagem utilizada pelos capitalistas a fim de oferecerem uma imagem sustentável para sua acumulação, contudo, esta imagem se contrapõe aos inúmeros desastres que ocorrem em decorrência da exploração dos seres humanos e da natureza”.

Dessa forma, essa narrativa busca integrar preocupações ambientais e sociais à governança corporativa, mas frequentemente ignora as contradições entre a geração de lucros e a efetiva justiça socioambiental. O “S”, por exemplo, pode remeter à relação da empresa com as pessoas do seu entorno, incluindo: aderência aos direitos trabalhistas, valorização da saúde e segurança no ambiente de trabalho, apoio à diversidade e inclusão, posicionamento da empresa em causas e projetos sociais e atuação com a comuni-

dade. No entanto, na prática, essas diretrizes estão longe de serem aplicadas nas operações em andamento na Bahia. O cenário real do trabalho na mineração é marcado por acidentes, adoecimentos, amputações e mortes. Segundo dados da Previdência Social, entre 2010 e 2020, foram registrados 40.865 acidentes no Brasil, sendo o 4º setor em número de acidentes e 2º em taxa de mortalidade (Bahia, 2023).

Em um desses eventos, marcados por forte presença de patrocínios estatais e corporativos, foi possível observar os discursos que contrastam com as práticas. O “*Sustenta Bahia – Fórum ESG*”, organizado pela TV Band, em julho de 2024, reuniu representantes de entidades federais, estaduais, empresariais e ONGs. Diversos temas foram abordados, como saneamento básico, justiça, empreendedorismo e cultura. No entanto, não houve espaço ou visibilidade para críticas ao setor corporativo ou ao modelo mineral e agropecuário, como se os conflitos nas áreas exploradas simplesmente não existissem. Nesse contexto, a CBPM adotou oficialmente os Indicadores Brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU para 2030, reforçando seu alinhamento com discursos de sustentabilidade.

Paradoxalmente, essa mesma companhia pública anuncia parcerias com empresas privadas no polo petroquímico de Camaçari para instalar “indústrias inovadoras” de vidros solares e baterias (CBPM, 2025). Ao mesmo tempo que usa o discurso de “inovação”, perpetua práticas beligerantes contra comunidades tradicionais rurais, minimizando ou ignorando sua existência. O que está na superfície há séculos – povos que defendem terra, território e biodiversidade – é tratado como obstáculo a ser transposto, meticulosamente calculado na gestão de riscos para viabilizar projetos extrativos. Como demonstrou Giffoni Pinto (2019), desde os anos 2000, o setor empresarial investe em estratégias para lidar com os chamados “riscos sociais”, que podem comprometer seus negócios diante da mobilização de povos politizados e críticos às práticas corporativas. Enquanto isso, há a desvalorização sociocultural e “financeira” desses povos. Como pensar

a base de cálculo de um impacto em uma comunidade, como a seca de um rio, o aterramento de nascentes, a contaminação das águas, os problemas de saúde mental e demais afetações sobre as diferentes dimensões da vida?

A dimensão financeira dos conflitos socioambientais se evidencia quando manifestações de comunidades impactadas interrompem ferrovias, causando perdas milionárias e atrasos na entrega de *commodities*, afetando cadeias produtivas, como ocorrido diversas vezes na estrada de ferro de Carajás (PA) ou na bacia do Rio Doce (MG) (Alves et al., 2020). A pressão sobre os “custos de produção” afeta diretamente as projeções corporativas, motivo pelo qual o Estado, por meio de seu aparato burocrático e repressivo, age para destravar quaisquer obstáculos que representem riscos aos investidores. As empresas, por sua vez, “armam” estratégias para tentar neutralizar as resistências, investindo vultuosos recursos no reconhecimento e monitoramento do território pretendido, com o objetivo de obter a licença social para operar. Como destaca Giffoni Pinto (2019, p. 18), as corporações buscam responder aos critérios das instituições financeiras sendo importante “compreender esse risco para calculá-lo e controlá-lo”.

Alguns fatos da realidade concreta ilustram a ação coercitiva do Estado, na Bahia. Em 2020, uma manifestação dos moradores das comunidades rurais de Bocaina (quilombola) e Mocó, em Piatã (BA), que se opunham à expansão das atividades minerárias na região, foi reprimida com violência pela Polícia Militar (Moreira, 2021). Em abril de 2022, a mesma mineradora inglesa, a Brazil Iron, solicita à polícia a apreensão de gravações de uma equipe de repórteres que aguardava resposta a um pedido de entrevista na sede da mineradora, em Piatã (BA), quando foi abordada por dois policiais militares (Repórter Brasil, 2022).

No ano de 2025, o Estado da Bahia, por meio de um Coronel da Polícia Militar, lotado na Casa Civil e atuante na Coordenação de Mediação de Conflitos, usa a Associação de Pequenos Produtores Rurais de Piatã para convocar uma assembleia geral extraordinária, com a participação de associados e moradores das comunidades da Bocaina e Tá-

bua, com a pauta “Uma escuta do governo do Estado da Bahia nas comunidades do entorno do empreendimento BIML”, conforme descrito no convite enviado aos comunitários e associados. Esta mesma coordenação, de representação militar, tem realizado cursos de formação junto a servidores da CBPM a título de “Treinamento de Interação Social e Mediação de Conflitos”. Trata-se do uso da estrutura coercitiva do Estado para servir a fins privados do capital mineral por meio da militarização na relação sociedade e Estado.

Outro exemplo é a parceria da CBPM com a empresa inglesa Brazil Iron, que investiu US\$ 5 bilhões em projetos de minério de ferro em Piatã, Abaíra e Jussiapé, na Chapada Diamantina, com planos de construir uma nova mina, uma siderúrgica, uma ferrovia de 120 km e uma indústria de hidrogênio verde. A empresa mobiliza uma retórica ambientalista centrada em conceitos como “ferro verde”, “energia limpa” e “mineração sustentável”, mas tais discursos não se traduzem em práticas transparentes nem em diálogo efetivo com as comunidades impactadas, incluindo quilombolas.

Verifica-se o descumprimento da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), da qual o Brasil é signatário, que exige a consulta livre, prévia e informada às comunidades tradicionais antes do início das atividades minerárias. A própria empresa reconheceu essas falhas em seu relacionamento com as comunidades, conforme admitido pelo vice-presidente de relações institucionais da Brazil Iron em entrevista à Revista Piauí: “a mineradora no início pecou no relacionamento com as comunidades” (Machado, 2024).

O minério de ferro é uma substância fundamental e estratégica nos processos industriais, utilizado em cadeias produtivas diversas, inclusive ligadas à transição energética. Nesse sentido, observa-se a crescente busca pela extração desse mineral na Bahia, a exemplo da empresa Bahia Mineração – Bamim, em Caetité, e da estruturação do complexo logístico FIOLE – Porto Sul, que visa o escoamento da produção.

Diante da ofensiva do capital mineral e do Estado, comunidades e movimentos sociais têm se mobilizado em ações de resistência que confrontam o modelo mineral hegemônico. Tais iniciativas revelam não apenas formas de enfrentamento, mas também a

construção de outras perspectivas de desenvolvimento e de relação sociedade-natureza, fundamentadas na defesa dos territórios e na afirmação dos modos de vida dos povos do campo e das comunidades tradicionais.

2. “A nossa luta é todo dia, o território não é mercadoria”: discursos e contradiscursos frente ao modelo corporativo-estatal

O Movimento pela Soberania Popular na Mineração promoveu, em junho de 2024, um evento que demonstrou forte incidência política. O I Encontro Estadual do MAM, realizado em Salvador, com o tema “Debater, unir e organizar, por um modelo mineral, soberano e popular”, que também foi entoado em cantorias que marcaram o ambiente do encontro (**Figura 1**). Como parte da programação, foi realizada uma audiência pública na Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA), atividade que encerrou o evento. Intitulada “Mineração na Bahia, um debate urgente e necessário”, a audiência ocorreu a convite da Frente Parlamentar Ambientalista da Bahia.

225

Figura 1 - Material de divulgação do I Encontro Estadual do MAM na Bahia.



Fonte: MAM, 2024.

Durante a atividade, ficaram evidentes as ações do Estado em favor do setor corporativo, ao mesmo tempo em que o MAM apresentou diversos questionamentos críticos. O debate revelou contradições e disputas típicas das arenas argumentativas (Fucks, 2001), onde diferentes perspectivas sobre a mineração na Bahia se confrontaram, revelando as tensões entre os interesses do capital e as reivindicações socioambientais dos movimentos populares (Assunção, 2024).

A audiência pública contou com a participação de diferentes representantes de instituições de assessoria popular, universidades, lideranças comunitárias atingidas pela mineração e órgãos da administração pública estadual, como a SDE e a CBPM. O povo presente entoou, repetidamente, palavras de afirmação em defesa de seus territórios, frente à ofensiva minerária: “A nossa luta é todo dia, o território não é mercadoria”.

A CBPM é um órgão fundamental para o setor mineral baiano, com meio século de atuação. A partir dos anos 2007, a Companhia apresenta uma reconfiguração ao incluir no seu portfólio a produção mineral, para além da pesquisa, e propor assessoria às empresas privadas. Atualmente, detém a maior quantidade de processos jurídicos minerais no estado. Essa posição contrasta com a lógica neoliberal que, nos últimos 30 anos, defendeu as privatizações, alegando que o Estado era ineficaz e burocrático.

Nesse cenário, ocorre a privatização da antiga Vale do Rio Doce e marca a consolidação do atual modelo mineral brasileiro. Assim, a CBPM, enquanto uma companhia estatal de pesquisa mineral, impulsiona projetos com recursos públicos e parcerias com universidades, leiloando posteriormente os direitos minerais para empresas privadas. O Estado investe em pesquisas e apresenta os projetos para o capital privado, que fica com lucros exorbitantes, enquanto o retorno financeiro e os benefícios em infraestrutura para a sociedade são mínimos. Além do mais, a sociedade fica com os passivos e conflitos socioambientais e agrários.

O setor mineral é apresentado como um dos motores de impulsionamento do “desenvolvimento” na Bahia. A extração de minérios ocorre em todas as regiões do estado que ocupa posição de liderança em pesquisas minerais há quase uma década. Enquanto

o povo, representado pelos movimentos sociais e instituições de assessorias, e demais organizações, manifestam os conflitos e clamam por justiça socioambiental, o Estado reafirma sua posição enquanto promotor de um modelo mineral que ignora a existência dos povos indígenas, comunidades tradicionais, camponeses, assentados de reforma agrária e populações urbanas periféricas. Como expressou C.R, liderança comunitária, afetada pela mineração no Norte da Bahia, que esteve presente na audiência pública, na ALBA: “esse modelo mineral no Brasil ele é perverso, ele é cruel ele destrói. É preciso desmistificar essa questão de que [...] há uma preocupação sobre as mudanças climáticas”.

As contradições foram evidenciadas em diversos relatos de pessoas oriundas de comunidades impactadas pela mineração, marcados por denúncias à omissão e à atuação pró-corporativa do Estado, como pode ser observado no depoimento de A.S, líder comunitário, afetado pela mineração, também do Norte da Bahia:

Nesse debate, a mineração se apropriou do território com aval dos Municípios e com aval do Estado. Porque, se o Estado permite, o município permite, a comunidade fica desassistida e a comunidade o pouco que tinha acaba. Que processo é esse? Que Estado é esse que está tratando o seu povo dessa forma? Então fica essa indignação e essa denúncia de que o Estado brasileiro os órgãos do Estado não estão dando atenção para as comunidades. Porque que o Inema dá tantas licenças sem fazer uma consulta com a comunidade, sem conhecer as comunidades? (depoimento de A.S, na audiência pública, na ALBA, 2024).

Em que pese a ausência do órgão ambiental no nível estadual, o Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), durante a audiência na ALBA, os demais representantes estatais deram o recado prioritário do atual governo da Bahia, que segue os rumos do ente federal. Historicamente, a natureza, sobretudo os recursos hídricos vêm sendo apropriados por grandes projetos que têm se instalado e operado sem obstáculos significativos, respaldados por laudos e pesquisas técnicas (Costa, 2023). O referido ór-

gão ambiental, em vez de regulador, atua como viabilizador dos empreendimentos, acumulando críticas devido à expansão desenfreada desses projetos (Oliveira; Oliveira, 2024).

Na audiência, um geólogo da CBPM iniciou seu pronunciamento lendo *slides*, demonstrando desinteresse pelo diálogo com a sociedade, especialmente com um movimento que propõe um modelo alternativo de mineração. Sua fala destacou apenas as missões e resultados do órgão, ignorando os povos do campo e comunidades tradicionais. Segundo ele, a CBPM tem como missão desenvolver o setor mineral baiano com eficiência técnica, econômica e social, em harmonia com o meio ambiente, atuando para ampliar o conhecimento geológico e atrair investimentos privados. Com 51 anos de existência, a empresa foi criada durante a ditadura militar, sob o governo de Antônio Carlos Magalhães (ACM).

O órgão exalta o reconhecimento como uma das empresas estatais mais dinâmicas na pesquisa mineral no Brasil, destacando seu vasto acervo de dados que faz da Bahia um dos estados geologicamente mais bem estudados do país. Defendeu que atualmente é uma empresa autossuficiente, contando com 526 projetos executados e com 122 licitações e oportunidades minerais realizadas, além de assinaturas de 72 contratos de parceria de pesquisa complementar e arrendamento. Esses números a posicionam como a maior detentora de requerimentos de pesquisa mineral na Bahia e uma das maiores do Brasil:

A CBPM continuará pesquisando e atraindo empresas para novos empreendimentos no estado tais como ouro, calcário, níquel, cobre, cobalto, entre outros.... nossos projetos estão sendo executados visando a descoberta e definição de depósitos minerais carentes estratégicos para o estado e para a nação brasileira, como o fosfato e minerais da transição energética como níquel, cobre, cobalto, ferro, titânio, vanádio, grafita, terras raras, tendo nosso maior destaque a nossa descoberta da província metalogenética do norte da Bahia. Com certeza uma das mais importantes províncias minerais brasileiras (representante da CBPM, em discurso na ALBA, 2024).

A exposição da CBPM ignorou abordagens ligadas às questões ambientais, povos do campo, diversidade sociocultural e a riqueza cultural baiana que está sobre a superfície. Em vez de debater soberania nacional, reforçou a entrega do território, com suas reservas estratégicas, ao capital internacional. Embora o órgão possua um “Comitê de Promoção da Diversidade e Combate ao Assédio e Discriminação”, sua atuação parece restrita ao ambiente interno, sem impacto real sobre as comunidades afetadas. O discurso de inclusão étnica e de gênero serve para projetar uma imagem corporativa alinhada a uma agenda “woke”, que se diz inclusiva e sustentável, para fins midiáticos e para vender uma ideia de atuação responsável. Contudo, não há real intenção de transformar a estrutura do setor mineral, que permanece hegemônico e inalterado.

O monitoramento das notícias divulgadas pela CBPM revela um padrão recorrente de *marketing* verde, dentre outras ações evidenciadas como o “Selo da Diversidade LGBT+” e parcerias de projetos culturais de grupos de afoxés e dança afro (CBPM, 2025). Essas ações reforçam a imagem de uma companhia inclusiva e socialmente responsável, sem, no entanto, alterar as práticas estruturais do setor mineral, como observado na notícia veiculada pela Companhia:

O apoio do setor mineral pode contribuir para o fortalecimento das tradições culturais da Bahia, promovendo ações que preservem e divulguem práticas culturais e religiosas que fazem parte da identidade baiana. Essa contribuição é essencial para combater o racismo estrutural e aumentar a consciência histórica sobre as contribuições do povo negro para a formação da sociedade brasileira (CBPM, 2025, s/p).

Assim, o órgão público menciona uma questão de enorme gravidade histórica, cultural e geográfica na formação do país, o “racismo estrutural”, sem qualquer reflexão sobre suas próprias ações institucionais na pesquisa e extração mineral. Essa contradição se torna ainda mais evidente considerando que grande parte da população afetada por seus empreendimentos é composta por quilombolas e comunidades tradicionais, que enfrentam conflitos territoriais e impactos socioambientais diretamente relacionados à atuação do setor mineral.

Embora a CBPM alegue que o setor mineral possa contribuir para a cultura e religiões de matriz africana, na prática ocorre uma captura e inversão de papéis. O setor cultural, já precarizado e com poucos incentivos, busca apoio do setor corporativo-mineral, que, por sua vez, utiliza essa relação como propaganda para enaltecer a diversidade e a sustentabilidade. Dessa forma, a mineração se apropria da cultura e da tradição carnavalesca para suavizar sua imagem, promovendo um *marketing* de baixo custo diante dos conflitos socioambientais e territoriais em curso na Bahia, sejam ligados aos territórios extrativos do passado ou aos atuais territórios explorados.

Durante a audiência pública realizada na ALBA, a SDE, por meio da Diretoria de Fomento, também se posicionou em defesa do setor mineral apontando algumas possíveis políticas voltadas ao setor. Foi mencionada a necessidade da criação da Política Estadual de Mineração e do Plano Estadual de Mineração da Bahia, que permanece parada há cerca de 10 anos. Enquanto estados como Minas Gerais, Goiás e Pará avançam nesse sentido, a Bahia segue atrasada, afirmou o representante do Estado. Apesar de ser um momento oportuno para a incidência dos movimentos sociais, há dúvidas sobre a real disposição do Estado em ouvir e incorporar contribuições de atingidos, pesquisadores e sociedade civil na definição desses rumos.

A SDE destacou as omissões da ANM, apontando sua precarização e incapacidade de acompanhar a extensão do setor mineral no país. Ressaltou a fragilidade da estrutura brasileira, sendo um dos maiores países mineradores e exportadores de minérios, para monitorar todas as operações nos municípios. Como dito, “O Brasil é um país continental. Somos um dos grandes países mineradores do mundo. Somos grandes exportadores e consumidores de minérios. A ANM não tem a estrutura, a capilaridade suficiente para chegar a cada município, a cada comunidade do país” (SDE, 2025).

Além disso, a Secretaria enfatizou a necessidade de reforçar o papel do Estado no licenciamento, desde a implantação até o descomissionamento das minas, bem como a atenção às comunidades afetadas. No entanto, apesar de reconhecer essas deficiências,

reforçou que a mineração continuará crescendo: “Isso dito, é preciso dizer que a mineração vai continuar existindo e vai crescer”. Essa afirmação, evidencia uma contradição: se os próprios governos federal e estadual admitem a inoperância da ANM na fiscalização e no acompanhamento adequado do setor, como justificar a expansão contínua da atividade sem mecanismos efetivos de controle?

O representante da SDE destacou a necessidade da transição energética, argumentando que não é possível substituir os combustíveis fósseis por energias renováveis sem um grande consumo de minerais: “Eu sou um dos que acham que a gente tem que ver os recursos naturais, o sol do semiárido, os ventos do vale do São Francisco, os minérios que a Bahia tem, não como uma maldição, mas como uma benção”. Além disso, sugeriu que a preservação da natureza e a reconstrução das florestas e matas nativas poderiam ser financiadas com recursos da própria mineração. Encerrando sua fala, assumiu uma posição conservadora ao afirmar: “para o bem ou para o mal a mineração vai continuar avançando, precisamos fazer isso de forma mais civilizada [...] que leve em conta a questão ambiental, social e a questão política, administrativa e governança do ESG, que está na moda agora”.

Destaca-se a importância da atividade realizada na ALBA, mesmo diante de tantos desafios e contradições, sobretudo pela incidência social e política que a mobilização do MAM produziu, por meio da aglutinação de redes de articulação que refletem no desafio de produzir uma unidade na luta pela construção de um outro modelo mineral. Portanto, afirmar que o “território não é mercadoria” faz parte do enfrentamento e da resistência frente aos discursos do modelo corporativo-estatal.

Em outras palavras, as práticas do setor mineral, especialmente no contexto baiano, podem ser compreendidas a partir da análise do discurso foucaultiano, que nos permite entender como as estratégias corporativas e estatais moldam e impõem narrativas sobre a mineração e suas implicações sociais e ambientais. A escolha de nomes para as minas, a utilização de elementos simbólicos regionais e as campanhas de “responsabilidade social” e “diversidade” demonstram um exercício de poder e de controle, no qual

as populações afetadas, especialmente as comunidades tradicionais, são constantemente invisibilizadas ou recontextualizadas dentro de uma narrativa que favorece a continuidade do modelo extrativo.

Essa apropriação simbólica, longe de ser neutra, serve para legitimar e naturalizar um sistema que, ao contrário do que se propaga, perpetua desigualdades, conflitos e um processo de expropriação das riquezas locais. Os técnicos dos órgãos estatais e do setor corporativo endossam uma visão de mundo que favorece ao modelo mineral atual, não existindo reflexões que considerem as cosmologias dos povos tradicionais em um patamar de horizontalidade. No entanto, essa dinâmica de poder é constantemente desafiada por contradiscursos, como os defendidos por movimentos sociais e demais resistências locais, que oferecem uma perspectiva alternativa e questionam a naturalização da mineração como uma prática inevitável e benéfica para a sociedade.

Assim, a análise dos discursos da mineração, à luz de Foucault (2012), revela como o poder se articula e se mantém por meio de discursos que não apenas dominam, mas também tentam instituir verdades sobre o território, a cultura, a natureza – ou seja, “o chão mais a população” (Santos, 2000, p. 47) –, excluindo as vozes daqueles que mais sofrem os impactos dessa lógica corporativo-estatal.

Nesse sentido, o depoimento de C.R. revela ainda as contradições presentes no discurso oficial do Estado e evidencia as múltiplas violações de direitos vivenciadas por povos do campo e comunidades tradicionais na Bahia. Suas palavras denunciam não apenas a omissão estatal, mas a cumplicidade ativa com os interesses do capital mineral, que se impõem sobre os territórios sob a retórica do desenvolvimento e da transição energética.

E a gente traz aqui um tom de denúncia até e é uma denúncia em relação a omissão [...] em que o Estado brasileiro, particular estamos aqui no Estado da Bahia, como facilita esse processo do sistema desse capital mineral na Bahia que tem crescido e que tem sido é colocado de uma forma muito com estardalhaço, de que é algo bom trazendo a ilusão do desenvolvimento que nós que estamos ali na comunidade, que de fato nós somos vítimas, que estamos ali lutando conseguindo barrar muitas vezes

esse processo bruto que destrói os nossos bens naturais, principalmente a nossa terra, a nossa água em prol desse desenvolvimento que não fica no estado da Bahia, que não fica nas comunidades que estão sendo impactadas. Eles são de fora. São pessoas de fora do Brasil e é para lá também que está indo os nossos minérios. Estamos sendo saqueados o tempo inteiro e aí a gente se questiona: Como que o Estado tem facilitado por exemplo as licenças ambientais para essas grandes empresas de mineração para que elas tenham acesso livre de chegar nessas comunidades e expulsar as pessoas tirando ali o nosso direito nas nossas tradições? (depoimento de C.R, na audiência pública, na ALBA, 2024).

O depoimento evidencia não apenas a crítica direta à atuação do Estado como facilitador do avanço do capital mineral, mas também a denúncia de um modelo de desenvolvimento assentado na expropriação e no saque (SILVA, 2025), legitimado por discursos de progresso e sustentado por mecanismos institucionais. Nesse cenário, a disputa territorial se intensifica e revela a face estrutural da violência contra os modos de vida tradicionais, ao mesmo tempo em que fortalece o papel dos movimentos sociais na construção de outras possibilidades de (r)existência e relação com os territórios.

3. A arquitetura do método corporativo-estatal no setor mineral baiano

No atual cenário político, a mineração avança na Bahia com respaldo governamental, intensificando os danos socioambientais. A estrutura estatal opera como indutora dessa expansão, criando condições para que estratégias corporativas se enraízem dentro dos órgãos e agências públicas. Sob o pretexto da transição energética, a extração de minerais estratégicos é promovida como indispensável, validando a atividade sem ponderar os impactos sobre comunidades rurais, povos tradicionais e ecossistemas. Nesse contexto, cabe retomar a reflexão sobre o método empregados pelo setor mineral e pelo Estado, inseridos na disputa global pelos “recursos minerais essenciais” (Milanez, 2021).

O capital mineral, majoritariamente internacionalizado, está ligado aos circuitos superiores da economia, portanto, a produção e o lucro são voltados para fora. Além

disso, as grandes empresas formulam suas políticas externamente, priorizando seus próprios interesses. Sua posição monopolista ou oligopolista impõe normas, ações e visões de mundo, impulsionadas por técnicas científicas modernas. Frequentemente, essas empresas conquistam a adesão local por meio de discursos sobre responsabilidade empresarial social e ambiental. São sistemas de ações, corporativos e governamentais, que operam de forma coordenada para implementar seus “grandes projetos de desenvolvimento” e difundir narrativas positivas a respeito da exploração mineral (Silveira, 2011).

As empresas mineradoras, por meio de amplas estratégias de *marketing*, constroem discursos ideológicos que acabam persuadindo e cooptando populações para a realização da atividade minerária, influenciando a conformação da psicoesfera. Santos (2007) define essa esfera como o espaço das ideias, crenças e paixões, sendo também o local onde se produz sentido. Segundo o autor, a psicoesfera não apenas acompanha e ratifica a expansão da técnica, mas muitas vezes a precede, estabelecendo regras para a racionalidade ou estimulando o imaginário. Dessa forma, ela cria mediações simbólicas enraizadas no espaço, que podem levar os indivíduos à alienação, já que, conforme Santos (2007), nela se produz justamente o oposto da consciência. No entanto, essa esfera mantém uma relação dialética com a tecnosfera, pois, como aponta Santos (2007), a ideologia gera símbolos que se incorporam à vida real, frequentemente assumindo a forma de objetos.

No contexto da mineração, a tecnosfera abrange as configurações territoriais e todo o processo técnico necessário para sua implementação. Santos e Silveira (2012) explicam que essas configurações territoriais correspondem à combinação dos sistemas naturais herdados por uma sociedade e dos sistemas de engenharia, que engloba objetos técnicos e culturais historicamente consolidados. Segundo os autores, sua relevância atual decorre das ações realizadas sobre elas.

Nesse contexto, os chamados *royalties* da mineração, ou seja, a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), são frequentemente apresentados como um benefício direto para os municípios minerados. No entanto, a dependência

econômica criada em torno desses recursos gera processos de minério-dependência, resultando em fragilidades fiscais e sociais, especialmente quando a atividade extrativa se encerra, deixando passivos ambientais e econômicos sem alternativas sustentáveis para a população local (Coelho, 2020).

Esse discurso se contrapõe à lógica de uso da terra para subsistência, frequentemente retratada de forma estereotipada como inferior, arcaica e contrária ao progresso nacional. Esse processo impacta significativamente o território abrigo, levando populações rurais e comunidades tradicionais a transformações qualitativas em sua relação com a natureza e à dependência parcial dos empregos e subempregos oferecidos pela mineração. Dessa forma, o território extrativo-mineral acaba se impondo sobre outros processos territoriais, controlando a apropriação produtiva da natureza, conforme destaca Antonino (2019).

Um dos mecanismos utilizados para construir a psicosfera da mineração é a adoção de argumentos desenvolvimentistas, que enfatizam a geração de emprego e renda para a municipalidade. Outro engodo que acompanha, reiteradamente, os discursos empresariais e estatais do *marketing* verde é a promessa de arrecadação de impostos e “desconcentração de renda”. No entanto, não há exemplos de municípios minerados na Bahia, nem no Brasil, que comprovem esse efeito, pois a realidade aponta para o oposto: maior concentração fundiária, empregos temporários e de baixa remuneração ou periculosidade, além da vulnerabilidade dos trabalhadores migrantes, sujeitos às oscilações do mercado global de *commodities*. Esse cenário frequentemente sobrecarrega as cidades receptoras, que lidam com impactos socioeconômicos adversos quando os projetos são descontinuados.

Silveira (2011), aponta que as empresas constroem um discurso de “responsabilidade social” para legitimar suas ações. No entanto, quando analisada de forma inversa ao discurso empresarial e governamental que a reforça, a geração de emprego na mineração revela-se uma necessidade da própria empresa para viabilizar suas operações. Assim, as populações rurais e as comunidades tradicionais são tratadas como mão de obra

barata, sem muitas alternativas além de aceitar a exploração no trabalho. Ademais, os empregos gerados e a participação do setor no Produto Interno Bruto (PIB) estadual são irrisórios, correspondendo a 12,5 mil postos de trabalho e 1,4% do PIB baiano, com um total de 367 mineradoras ativas (Atena, 2024).

Contraditoriamente, embora o discurso empresarial apresente a população local como a principal beneficiária do processo, essa mesma população acaba sendo espoliada, pois a territorialidade se estrutura em torno do recurso-empreendimento, gerando conflitos com a “terra-abrigo” (Antonino, 2019). Nesse sentido, observa-se, conforme Silveira (2011), um uso explorador e extorsivo do território, pautado na posse, mas sem um verdadeiro senso de pertencimento ou enraizamento, já que a possibilidade de deslocamento do lugar é sempre presente.

Assim, desenha-se a “arquitetura” do método corporativo-estatal no setor mineral, que apresenta uma engrenagem sofisticada, demanda concentração de poder, altos volumes de capitais e envolve: a) Controle de Poder: Pragmatismo estratégico e Hegemonia setorial; Desrespeito normativo e Captura institucional; Estratégias de consenso e Controle social; b) Instrumentos de Dominação: Avanço tecnológico e Controle da informação; Investigação territorial e Aparato coercitivo; Capital hegemônico e Impactos socioambientais.

a) Controle de poder:

- i. Pragmatismo estratégico e Hegemonia setorial: estruturado sob um arcabouço pragmático-utilitarista, o método privilegia a tomada de decisões centrada em interesses privados imediatistas e de curto prazo; sua operacionalização favorece grupos hegemônicos, consolidando um ambiente de oligopólios mediante concentração financeira, lobby legislativo, capilaridade e força em instâncias judiciárias, além de respaldo técnico-científico de centros de pesquisa.
- ii. Desrespeito normativo e Captura institucional: há recorrentes violações aos marcos legais vigentes, como a negligência ou a ausência de normativa reguladora em relação à consulta prévia, livre e informada de comunidades afetadas; contestação

de documentos oficiais de autoatribuição e deslegitimação de comunidades tradicionais; são rebaixados os estudos técnico-científicos, quando não intimidados por ações extrajudiciais e judiciais, que criticam ou possuem parecer contrário à instalação e operação de empreendimentos; utilização do aparato técnico e capilaridade de órgãos públicos como estratégia de aproximação territorial; o favorecimento de empresas estrangeiras, sob o pretexto de “interesse nacional”, se sobrepõe a políticas de reforma agrária e segurança alimentar; o fenômeno da grilagem e da expropriação territorial são elementos estruturantes dessa dinâmica.

iii. Estratégias de consenso e Controle social: através da instrumentalização da informação e da publicidade segmentada, como mecanismos fundamentais para mediação do convencimento massificado; a tática social empregada busca a legitimação de projetos perante a opinião pública, consolidando a aceitação e o aval social para a sua implementação; a construção discursiva do método se ancora na retórica da inovação, sustentada por sofisticadas estratégias de *marketing*.

b) Instrumentos de dominação:

i. Avanço tecnológico e Controle da informação: caracteriza-se por uma abordagem técnica moderna, respaldada por informações estratégicas acessíveis aos setores privilegiados, portanto, de forma assimétrica e não transparente; estabelece um consórcio midiático abrangente, englobando tanto veículos tradicionais quanto plataformas digitais corporativas.

ii. Investigação territorial e Aparato coercitivo: aproximação sorrateira nas comunidades, ainda nas fases iniciais de pesquisa, para reconhecimento do território e alinhamento de estratégias de inserção corporativa que envolve coação, cooptação e fragmentação social; a imposição de projetos é viabilizada pela mobilização de forças coercitivas estatais, que operam para desocupar territórios estratégicos; o uso da violência institucional reforça a lógica de dominação, de intimidação e desapropriação de populações vulneráveis.

iii. Capital hegemônico e Impactos socioambientais: a lógica do método é impulsionada pela necessidade sistêmica do capital global de acelerar ciclos de reprodução e expansão; essa dinâmica impõe uma atuação estatal e corporativa voltada para resultados imediatos; a agenda de acumulação de riquezas e poder se sustenta na exploração intensiva dos bens minerais e na lógica da financeirização, atendendo a maximização de retornos corporativos; produz contradições através de narrativas de sustentabilidade ambiental, ao passo que degrada a natureza, subjuga populações e destrói territórios.

Dialeticamente, o método se manifesta de maneira paradoxal pois, enquanto se apresenta como moderno, inovador e tecnológico, mantém práticas arcaicas, não democráticas, ambientalmente abusivas e degradantes, impactando o contexto do lugar. Seu *modus operandi* apresenta uma engrenagem robusta, com elementos estrategicamente pensados para afetar as relações sociais e o cotidiano das comunidades, gerando desestruturação sociocultural. O volume de recursos financeiros aportados nos empreendimentos corrói laços de solidariedade territorial, tradicionalmente estabelecidos.

A leitura desses fatores revela o quão desigual é a relação entre a hegemonia da mineração, na perspectiva do capital/mercado e do Estado, e as frentes de resistência ao modelo mineral espoliador. São vias analíticas que encontram, na realidade concreta, diversos exemplos de elementos discursivos e práticos da organicidade do método Capital-Estado na mineração. Por meio de uma representação simplificada, desenha-se uma das possibilidades de leitura sobre a arquitetura do método corporativo-estatal (**Figura 2**). No entanto, no “real-concreto”, as relações entre os elementos são mais complexas, interconectadas e, em algum nível, interdependentes.

Figura 2. Arquitetura do Método Corporativo-Estatal no Setor Mineral.



Fonte: Os autores.

O método corporativo-estatal no setor mineral configura-se como uma engrenagem de dominação territorial articulada entre grandes corporações mineradoras e o aparato estatal, sustentada por um modelo pragmático, tecnocrático e legalmente assimétrico. Esse método atua por meio da captura institucional, da manipulação discursiva centrada em promessas de desenvolvimento e responsabilidade ambiental, e do uso combinado de estratégias coercitivas, tecnológicas e informacionais. Apresentando-se como sofisticado e tecnológico, encobre práticas predatórias que favorecem interesses externos, aprofundam desigualdades socioespaciais e fragilizam os direitos territoriais das comunidades locais.

O controle do poder estatal é a base estruturante dessa arquitetura, na qual o setor corporativo mineral assegura sua hegemonia sobre instâncias decisórias, instrumen-

talizando o Estado para garantir a retroalimentação da acumulação de capital. Como consequência, reproduz-se um cenário de desestruturação territorial e de aprofundamento das injustiças fundiárias, ambientais e sociais, expresso em conflitos sobre o uso da água e do ar, degradação da fauna e flora, precarização das relações de trabalho e impactos psicossociais sobre comunidades e trabalhadores, resultando em processos violentos de desterritorialização.

Considerações finais

Diante do exposto ao longo desta análise, que abordou a expansão da mineração na Bahia, os conflitos territoriais associados e os discursos e práticas que a sustentam, apresentam-se algumas considerações finais, organizadas a partir de três perspectivas que demandam maior atenção e aprofundamento teórico, diante da complexidade e dinâmica dos processos analisados: a) a expansão dos conflitos e as contradições do problema mineral no contexto do discurso hegemônico da transição energética; b) a atuação e incidência social e política das corporações minerárias, em parceria com o Estado, por meio de seus discursos e práticas hegemônicas, contrapostas às ações e ao papel dos movimentos sociais; c) as estratégias de territorialização do capital mineral, praticadas, consorciadamente, pelo setor corporativo-mineral e pelo Estado.

Inicialmente, conclui-se que a expansão da mineração e o acirramento dos conflitos territoriais está associada a fatores que demandam análise multiescalar. A demanda global por minerais da transição energética produziu uma corrida em busca dessas substâncias para alimentar o “sistema-mundo”. O discurso e as ações do Estado revelam sua opção pelos interesses burgueses-corporativos em detrimento das populações afetadas. O atual panorama político favorece a territorialização da mineração na Bahia, aprofundando os impactos socioecológicos.

A estrutura estatal se apresenta como um ente avalizador da expansão mineral, permitindo que as estratégias corporativas encontrem terreno fértil na atuação de órgãos e agências governamentais. Assim, a extração de minerais estratégicos tem sido justificada como essencial para a transição energética, construindo um discurso que legitima a atividade sem considerar suas consequências para os povos do campo e para a natureza.

A segunda perspectiva revela-se de forma mais nítida nos pronunciamentos realizados durante a audiência pública analisada, bem como em narrativas difundidas na mídia, onde se desvelam as tensões entre diferentes projetos de sociedade e formas de usos dos territórios. Trata-se de uma arena conflituosa, em que se confrontam, de um lado, representantes de comunidades tradicionais, movimentos sociais como o MAM, sindicatos de trabalhadores, organizações ambientalistas e pesquisadores críticos, e de outro, agentes estatais, técnicos de órgãos ambientais, representantes de empresas mineadoras e políticos alinhados ao setor mineral. Os discursos proferidos por lideranças populares evidenciam as múltiplas dimensões dos conflitos socioambientais da mineração: contaminação de recursos hídricos, expulsão de comunidades, degradação ambiental e precarização do trabalho. Essas falas também reivindicam o direito de dizer não, a soberania territorial e a defesa dos modos de vida do campo e das florestas, confrontando diretamente a lógica do progresso atrelado à mineração.

Em contraposição, os discursos estatais reiteram o papel do Brasil – e, em particular, da Bahia como fornecedor global de minerais estratégicos para a transição energética. Sob essa narrativa, as ações do Estado são justificadas como parte de um esforço necessário para o enfrentamento da crise climática, mesmo que isso implique em violações de direitos e processos de desterritorialização. Essa retórica alinha-se a uma racionalidade tecnocrática e desenvolvimentista, que utiliza argumentos da transição energética e da economia verde como nova roupagem para legitimar o avanço da fronteira extrativa.

Além disso, observa-se uma forte presença da linguagem da Responsabilidade Social Corporativa, especialmente por meio de declarações que destacam compromissos com a sustentabilidade, a inclusão social e a geração de emprego e renda. Tais argumentos são mobilizados para suavizar resistências e conquistar a chamada licença social para operar, fazendo parte do método corporativo-estatal. Entretanto, essas estratégias de *marketing* verde contrastam fortemente com os dados e relatos apresentados por comunidades afetadas, revelando um abismo entre a imagem projetada pelas mineradoras e a realidade vivida no território.

Assim, a atividade realizada destacou a importância da incidência social e política, reforçando o papel do MAM como um ator relevante na luta por um modelo mineral que respeite os direitos dos povos e a soberania nacional, bem como de diversas instituições de assessoria popular, que se fizeram presentes. Durante o evento, o MAM atuou não apenas como mobilizador social, mas também como formulador de uma crítica sistemática ao paradigma extrativista, denunciando os mecanismos de apropriação e destruição dos territórios operados pelo capital mineral com apoio do Estado. Em suas intervenções, o movimento expôs como a mineração, ao ser incorporada na discussão sobre estratégias de combate à crise climática, tem sido instrumentalizada por empresas e governos para legitimar a expansão do setor, muitas vezes sem considerar os impactos socioambientais envolvidos.

O MAM, ao lado de organizações de assessoria técnica e jurídica, movimentos do campo, pesquisadores e lideranças comunitárias, contribuiu para consolidar redes de articulação estadual e nacional, criando espaços de construção coletiva de alternativas e de fortalecimento de uma narrativa contra-hegemônica. Essa articulação é fundamental para a disputa e para o enfrentamento dos discursos empresariais ancorados em agendas como a da responsabilidade social e ambiental, que procuram mascarar os impactos reais da mineração. O evento, portanto, revelou o desafio estratégico de construir unidade entre diferentes atores da resistência, diante de um cenário marcado pela intensificação

da espoliação territorial e pela instrumentalização da crise climática como justificativa para a expansão predatória da mineração.

A terceira consideração, por sua vez, retoma a questão inicial sobre o método adotado pelo setor mineral corporativo e pelo Estado, no contexto da transição energética e da corrida global por minerais estratégicos. O método corporativo-estatal no setor mineral configura-se como um aparato altamente estruturado que articula controle de poder e instrumentos de dominação, operando por meio da captura institucional, da instrumentalização de marcos legais e da disseminação de discursos legitimadores.

A audiência pública analisada revelou, de forma concreta, os mecanismos desse método em ação. Ficou evidente que a arena política não é neutra, mas um espaço atravessado por disputas simbólicas, políticas e epistemológicas. A seletividade na abordagem, o enquadramento tecnocrático do debate e o foco excessivo em aspectos procedimentais de licenciamento ambiental revelam como o método corporativo-estatal busca neutralizar o dissenso e legitimar a continuidade dos projetos. Nesse sentido, o método não opera apenas com base na coerção, mas também na produção de consenso, impondo uma racionalidade hegemônica que desqualifica modos de vida e conhecimentos tradicionais. A audiência, portanto, expôs a organicidade e a funcionalidade desse método, ao mesmo tempo em que revelou as fissuras produzidas pelas vozes dissonantes que denunciam, resistem e propõem outros caminhos e alternativas para os territórios.

A transição energética surge, nesse contexto, como argumento-chave, sendo mobilizada como justificativa para flexibilizar normas e acelerar processos, mesmo diante de evidências de injustiças socioambientais. Fundamentado em um avanço tecnológico seletivo e uma narrativa de inovação e ambientalização, o setor corporativo instrumentaliza o Estado como facilitador de interesses privados, impondo modelos expropriativos e violando normativas socioambientais. Seu *modus operandi* conjuga coerção, manipulação midiática e estratégias de controle social para legitimar-se perante a sociedade, enquanto

perpetua dinâmicas de exploração de territórios e comunidades. Assim, opera simultaneamente como vetor de acumulação capitalista e agente de desestruturação socioterritorial, reafirmando contradições entre modernidade tecnológica e práticas predatórias.

Em outras palavras, o mesmo ente estatal que governa e fiscaliza é quem abre as portas, usa recursos públicos para pesquisas, leiloa para iniciativa privada, sendo o maior interessado em que essas empresas instalem suas infraestruturas e executem seus megaprojetos. Essa é a expressão clara da concepção clássica de “Estado burguês”, que, por meio de práticas (neo)coloniais, governa, licencia, financia e incentiva a ocupação destrutiva dos territórios por grandes projetos minerários.

Referências

- ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental e construção social do risco. In: ACSELRAD, Henri (org.). **Justiça ambiental e cidadania**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- ACSELRAD, Henri. Os desastres e a ambientabilidade crítica do capitalismo neoextrativista. In: ACSELRAD, Henri (org.). **Políticas territoriais, empresas e comunidades: o neoextrativismo e a gestão social do risco**. Rio de Janeiro: FASE, 2016, pp. 19-39.
- ACSELRAD, Henri. **Políticas territoriais, empresas e comunidades: O neoextrativismo e a gestão empresarial do “social”**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2018.
- ALVES, Murilo da Silva; Carneiro, Karine Gonçalves; Souza, Tatiana Ribeiro; Trocate, Charles; Zonta, Marcio (orgs.). **Mineração: Realidades e resistências**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020. Disponível em: <<https://mamnacional.org.br/files/2021/02/BAIXE-O-LIVRO-EM-PDF-AQUI.pdf>>. Acesso em 08/05/2025.
- ANTONINO, Lucas Zenha. **Territórios extrativo-mineral na Bahia: Violações de direitos e conflitos nos territórios terra-abrigo**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- ANTONINO, Lucas Zenha; SOUSA, Valdirene Santos Rocha; GERMANI, Guiomar Inez. Mapeamento dos conflitos da mineração na Bahia no contexto do neoextrativismo. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, v. 4, nº 1, pp. 201-234, 2022.

- ARAÚJO, Clovis dos Santos. **Continuidades e discontinuidades da posse e apropriação da terra/território na região Oeste da Bahia**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.
- ASSUNÇÃO, Lucas. **Audiência popular na ALBA debate os impactos da mineração na Bahia**. 2024. Disponível em: <https://cptba.org.br/audiencia-popular-na-alba-debate-os-impactos-da-mineracao-na-bahia/>. Acesso em 19/02/2025.
- ATENA, Amanda. **A importância do estado da Bahia para a transição energética mundial**. À Tarde, 2024. Disponível em: <https://atarde.com.br/colunistas/artigos/a-importancia-do-estado-da-bahia-para-a-transicao-energetica-mundial-1268573>. Acesso em 19/02/2025.
- BAHIA. Secretaria da Saúde do Estado. Superintendência de Vigilância e Proteção da Saúde. Diretoria de Vigilância e Atenção à Saúde do Trabalhador. Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador. **Acidentes de trabalho na Bahia: Lições aprendidas, desafios e perspectivas**. Salvador, 2023.
- BRITTO FILHO, Luiz Augusto Fraga Navarro; COELHO, Maria Fernanda Ramos; BARBOSA FILHO, Nelson Henrique; CAMPELLO, Tereza Helena Gabrielli Barreto; ARAÚJO FILHO, Walter Baere. **Descarbonização da Indústria de Base: Rotas e Desafios para a Descarbonização das Indústrias de Base no Brasil**. Rio de Janeiro: BNDES, 2023.
- CBPM. CBPM e prefeito de Camaçari discutem parcerias para construção de indústrias inovadoras. **Companhia Baiana de Pesquisa Mineral**, 22 de jan. 2025. Disponível em: <http://www.cbpm.ba.gov.br/cbpm-e-prefeito-de-camacari-discutem-parcerias-para-construcao-de-industrias-inovadoras/>. Acesso 03/02/2025.
- CBPM. CBPM recebe visita de presidentes do Afoxé, Filhos de Gandhi e Malê Debalê. 2025. **Companhia Baiana de Pesquisa Mineral**, 4 de dez. 2024. Disponível em: <http://www.cbpm.ba.gov.br/cbpm-recebe-visita-de-presidentes-do-afoxe-filhos-de-gandhy-e-male-debale/>. Acesso em 19/02/2025.
- COELHO, Tádzio. Minério-dependência em Brumadinho e Mariana. **Lutas Sociais**, v. 22, n. 41, pp. 252-267, 2020.
- COSTA, Pedro D'Andrea. **Ralos e gargalos das outorgas de água no Brasil: uma análise sobre a captura das águas pelo agronegócio irrigado e pela mineração**. Organização de Maiana Maia Teixeira. 1. ed. Rio de Janeiro: FASE, 2023.

- ESCOBAR, Arturo. Epistemologias de la naturaleza y colonialidad de la naturaleza. In: MARTÍNEZ, Leonardo (org.). **Cultura y naturaleza**. Bogotá, Jardín Botánico de Bogotá, 2011, pp. 49-71.
- FORNARI, Mara. CBPM quer ser muito mais do que uma empresa de pesquisa. **Brasil Mineral**, São Paulo, nº 445, pp. 20-21, 2025. Disponível em: <<https://www.brasilmineral.com.br/revista/445/>>. Acesso em 04/05/2025.
- FOSTER, John Bellamy. **A Ecologia de Marx: Materialismo e natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, 2012.
- FUCKS, Mario. **Conflitos ambientais no Rio de Janeiro: Ação e debates nas arenas públicas**. UFRJ, 2001.
- FURTADO, Fabrina Pontes; PAIM, Elisangela. Energia Renovável e Extrativismo Verde: Transição ou reconfiguração? **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 26, pp. 1-28, 2024.
- GERMANI, Guiomar. Questão agrária e movimentos sociais: A territorialização da luta pela terra na Bahia. In: COELHO NETO, Agripino Souza; SANTOS, Edinusia Moreira; SILVA, Onildo Araújo (orgs.). **(GEO)grafias dos movimentos sociais**. UEFS Editora, 2010, pp. 269-304.
- GIFFONI PINTO, Raquel. **Conflitos Ambientais, Corporações e as Políticas de Risco**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.
- GRUPO DE PESQUISA GEOGRAFAR, UFBA. **Banco de Dados da Mineração**. 2025. Disponível em: <<https://geografar.ufba.br/mineracao>>. Acesso em 15/02/2025.
- HENIG, Edir; AGUIAR, Pâmela Mossman; FALCÃO, Márcia Teixeira; RAMIREZ, Íris Anita Fabian; FERKO, Georgia Patrícia da Silva. A relação do capital com a natureza mudou? Uma análise crítica da agenda ESG. **Caderno de Administração**, v. 32, nº 2, pp. 10-28, 2025.

IBRAM. **Dados do setor mineral 2024**. Publicação disponível e publicizada em 05 fev. 2025. Disponível em: <<http://www.ibram.org.br>>. Acesso em 14/02/2025.

IPCC: **Climate Change 2023**: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. IPCC, Geneva, Switzerland, pp. 35-115, DOI: 10.59327/IPCC/AR6-9789291691647.

IPCC. **Climate Change 2021**: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press, 2021. Cambridge, United Kingdom; New York, NY, USA.

JUÁREZ, Leandro Cesar. As estratégias de responsabilidade social empresarial e o modo de dominação gerencial: O caso da Norsk-Hydro no Brasil e na Europa. In: ACSELRAD, Henri (org.). **Políticas territoriais, empresas e comunidades**: O neoextrativismo e a gestão social do risco. Rio de Janeiro: FASE, 2016. pp. 117-139.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental**: A reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

247

MACHADO, Leandro. Governo da Bahia pediu ajuda do Itamaraty para socorrer mineradora inglesa acusada de infrações na Chapada Diamantina. **Piauí**, 23 dez. 2024. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/mineradora-brazil-iron-processo-bahia-londres/>>. Acesso em 17/02/2025.

MALHEIRO, Bruno Cesar Pereira. Territorialização corporativa e geografias de exceção: Mineração e o governo bio/necropolítico do território na Amazônia. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, v. 4, n° 1, pp. 14-71, 2022.

MAM. ATO ASSEMBLEIA. YouTube, 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/live/tF8lM5jYgXg>>. Acesso em 19/02/2025.

MANSUR, Maíra Sertã.; WANDERLEY, Luiz Jardim; FRAGA, Diego. **Transição desigual**: As violações da extração dos minerais para a transição energética no Brasil. Brasília: Comitê Nacional em Defesa dos Territórios Frente à Mineração, 2024. v. 1. pp. 1-63.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política – Livro I. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MILANEZ, Bruno. **Crise climática, extração de minerais críticos e seus efeitos para o Brasil**. Brasília: Diálogo dos Povos, Sinfrajupe, MAM, 2021.

- MILANEZ, Bruno. **“Estratégico para quem? Um retrato dos minerais para eletrificação”**. 2024. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/386213865_Estrategico_para_quem_Um_retrato_dos_minerais_para_eletrificacao>. Acesso em 05/05/2025.
- MOREIRA, Gislene. A herança da rainha: Impactos da mineração inglesa no interior da Bahia. **Mídia Ninja**, 24 jun. 2021. Disponível em: <<https://midianinja.org/a-heranca-da-rainha-impactos-da-mineracao-inglesa-no-interior-da-bahia/>>. Acesso em 10/02/2025.
- MOREIRA, Ruy. **A geografia do espaço-mundo**: Conflitos e superação no espaço do capital. Rio de Janeiro: Consequência, 2016.
- OLIVEIRA, Cláudio Adão. **Sucuiuba**: Justiça hídrica e ancestralidade na Chapada Diamantina. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.
- OLIVEIRA, Claudio Adão; OLIVEIRA, Alane Kelly Nunes. **Contingenciamento das águas e invisibilidade socioambiental**: O caso da comunidade de Alagadiço, município de Wagner, Bahia. Dossiê Alagadiço: Contingenciamento das águas e invisibilidade socioambiental no subsistema hídrico do Rio Utinga. OCA Chapada Diamantina, 2024. Disponível em: <<https://ocachapadadiamantina.org/alagadicocontingenciamento-das-aguas-e-invisibilidade-socioamabientalnossistemahidricodorioutinga/>>. Acesso em 05/05/2025.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Geo-grafias**: Movimentos sociais, novas territorialidades e sustentabilidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios: Diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano. **GEOgraphia**, v. 8, nº 16, pp. 41-55, 2010.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A ecologia política na América Latina: Reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. **INTERthesis**, v. 9, nº 1, pp. 16-50, 2012.
- REPÓRTER BRASIL. **Mineradora inglesa chama a polícia para apreender gravações de equipe da Repórter Brasil**. 2022. Disponível em:

<<https://reporterbrasil.org.br/2022/04/mineradora-inglesa-chama-a-policia-para-apreender-gravacoes-de-equipe-da-reporter-brasil/>>. Acesso em 19/02/2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton. Espaço, mundo globalizado, pós modernidade. In: LEITE, Maria Ângela (org.). **Encontros**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SDE. **Santa Fé Mineração vai produzir minério verde na Bahia**. 2025. Disponível em: <<http://www.sde.ba.gov.br/index.php/2025/01/22/santa-fe-mineracao-vai-produzir-minerio-verde-na-bahia/>>. Acesso em 19/02/2025.

249

SILVA, Erivan. **A geopolítica do saque mineral**: Conflitos e impactos socioambientais da mineração de ferro em Quiterianópolis-CE. 2020. 172 f. *Dissertação* (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/77272/1/2024_dis_slateixeira.pdf?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em 09/05/2025.

SILVEIRA, Maria Laura. Novos acontecimentos, novas territorialidades. In: DIAS, L. C.; FERRARI, Maristela. **Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Florianópolis: insular, 2011.

SOUSA, Valdirene Santos Rocha; GERMANI, Guiomar Inez; ANTONINO, Lucas Zenha. Abordagens da mídia sobre a questão mineral em jornal impresso na Bahia (2000-2023). In: **Anais ENANPEGE**, 2023.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Articulando ambiente, território e lugar: A luta por justiça ambiental e suas lições para a epistemologia e a teoria geográficas. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, v. 2, nº 1, pp. 16-64, 2020.

WANDERLEY, Luiz Jardim; MANSUR, Maíra; VALENTE, Phillipe. Atlas do problema mineral brasileiro. Brasília: **Comitê em Defesa dos Territórios frente à Mineração/Observatório dos Conflitos da Mineração no Brasil**, pp. 1-202, 2023. Disponível em: <https://emdefesadosterritorios.org/wp-content/uploads/2023/06/ATLAS_Final_Online.pdf> Acesso em 28/01/2025.

Lucas Zenha Antonino é doutor em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e pesquisador do Grupo de Pesquisa GeografAR (UFBA) e do Lab. COMTER – Conflitos, Movimentos e Território (UFRB). **E-mail:** lucaszenha@ufrb.edu.br

Valdirene Santos Rocha Sousa é doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa GeografAR (UFBA). **E-mail:** valdirene.ifba@gmail.com

250

Artigo enviado em 28/02/2025 e aprovado em 27/05/2025.